

A "Bossa Nova" Recebe a Ordem de "Go Home"

Mas Faz Fôrça Para Ficar Nos Estados Unidos

NOVA YORK, dezembro (De Isaac Pitche, especial para O GLOBO — Via Varig). Apesar da palavra de ordem do crítico da influente revista "The New Yorker" ("Bossa Nova, Go Home") os músicos brasileiros que vieram para o concerto do Carnegie Hall parecem dispostos — pelo menos alguns — a permanecer nos Estados Unidos, tentando a sorte e verificando pessoalmente até onde a música brasileira pode ser transformada em dinheiro, no mercado musical mais competitivo do mundo.

Com o apoio do consulado brasileiro, especialmente D. Dora Vasconcelos e o Cônsul João Tabajara de Oliveira, os rapazes da "bossa nova" estão tentando romper a barreira imposta pelo sindicato dos músicos a fim de poderem aceitar alguns dos contratos já oferecidos, apesar das críticas destrutivas que o contrato recebeu. Até o momento em que escrevemos, nada resultou da diplomacia, porém firme batalha que se trava entre o nosso consulado e o sindicato. Por enquanto, os músicos brasileiros só podem participar de concertos, mas não de espetáculos em "night clubs" ou gravações.

Liberdade

Para que os músicos brasileiros pudessem apresentar-se mais uma vez em Nova York, o "Village Gate", um excelente "night club" do Greenwich Village teve de ser "transformado" em sala de concertos, vendendo entradas em vez de cobrar consumação e mais as despesas normais dos frequentadores.

O que os brasileiros realmente querem é a possibilidade de trabalhar livremente, mais ou menos a mesma liberdade que os músicos norte-americanos desfrutam em nosso país. Até o momento, só os cantores podem apresentar-se, assim mesmo sem se acompanharem com violão ou piano. Al, diz o sindicato, eles deixam de ser cantores, passando a ser considerados "músicos que também cantam". E isso não pode ser. De todos os brasileiros que aqui estão, o único capaz de passar pelo crivo é Agostinho dos Santos.

Os demais, ou são músicos ou "músicos que também cantam". Antônio Carlos Jobim talvez encontre uma fórmula para tocar o seu piano, se estiver a frente de uma orquestra; nesse caso ele poderá ser considerado "regente". Mas os conjuntos de Sergio Mendes e Oscar Castro Neves, ambos com excelentes possibilidades, Carlos Lira, Normando, Chico Feitosa, João Gilberto e Sérgio Ricardo com os vistos que têm em seus passaportes, só se D. Dora Vasconcelos operar o milagre.

Os Promotores

De um modo geral, todas as críticas ao concerto do Car-

negie Hall, umas mais outras menos, foram desfavoráveis. O semanário "Variety", o mais importante órgão do mundo artístico norte-americano, deteve-se mais nas críticas aos promotores do espetáculo, realmente os grandes responsáveis pelo mau planejamento e o mau resultado. "Variety" — deve-se ao eslogan da "Audin Fidelity" a gravadora do Sr. Sidney Fry, um dos promotores que usou toda a primeira parte do espetáculo (2h 20m) para gravar números dos seus artistas e dos que não têm compromissos com outros selos.

Na ânsia de gravar esse disco, o Sr. Fry não teve dúvidas em amontoar os artistas brasileiros, impondo à plateia uma interminável sucessão de músicos, conjuntos e cantores. Sobre os artistas, "Variety" diz que seu trabalho, de um modo geral, chegou a divertir e a agradar, mas a coincidência dos números, já que vários cantaram e tocaram as mesmas coisas, provocou um certo desequilíbrio e um espetáculo redundante. "Variety" ainda informa que, apesar da lotação total do teatro, 2.860 espectadores, e da renda bruta de US\$ 8.904,00 com a venda de entradas, os promotores tiveram um prejuízo de cerca de quatro mil dólares.

"Go Home"

Duro, mesmo, foi o crítico de revista "The New Yorker", o órgão oficial da "intelligentsia" norte-americana, a começar pelo título de seu artigo, vingando-se dos "go home" pichados nos muros brasileiros. Depois de um breve ensaio sobre o que chama de "hotel music", uma espécie de música incolor e inodora, feita para acompanhar o jantar dos hóspedes de hotéis de boa categoria, o crítico do "New Yorker" coloca a bossa Nova no mesmo nível.

Para provar que bossa nova e "hotel music" e que os músicos brasileiros são "hotel men", o crítico referiu-se ao espetáculo do Carnegie Hall: "A primeira metade da noite pertenceu aos brasileiros, todos bons músicos de hotel ("hotel men"), entre os quais guitarristas (amplificados ou não), cantores-guitarristas, cantores e um par de pequenos conjuntos. Os cantores, que predominaram, cantaram, a maioria, em português e soavam com Mel Tormé, Sarah Vaughan ou Fred Astaire. As seções de ritmo eram melancólicas e os solos ocasionais, com uma única exceção, não passaram de números de rotina." A exceção a que o crítico norte-americano se refere é Oscar Castro Neves, em quem encontrou alguma originalidade.

Embora algumas das críticas possam ser consideradas justas, a agressividade do crítico do "New Yorker" deve-se, mais, ao fato de a bossa nova estar sendo apresentada nos EUA como "jazz". E o "New Yorker" é um dos mais fortes redutos dos puristas do "jazz".

Futuro

Apesar do resultado do concerto, e de tudo quanto ainda

pode acontecer durante a permanência dos músicos brasileiros por aqui, o futuro comercial da "bossa nova", nos EUA, parece assegurado. Os industriais da música, que estão por trás do movimento, farão o público aceitar o gênero, queiram ou não os puristas, tanto brasileiros quanto norte-americanos.

eles procuram e um substitutivo para o "twist" e o "côca-chica", já em inteiro desuso.

Arthur Murray, que tem uma cadeia de escolas de dança espalhada pelo país inteiro já está anunciando cursos de "bossa e espetacular dança latino-americana", que não é outra coisa do que senão a "bossa nova", invenção de alguns bons músicos semi-

adadores da Zona Sul carioca que, há pouco mais de dois anos, molveram fugir à quadratura dos "sambejeiros". Resta saber se essa música, esse samba brasileiro um pouco mais sofisticado, terá estrutura para resistir ao impacto dos publicistas das casas de discos norte-americanas.